

Aula 9

EXEMPLOS DAS GUERRAS MODERNAS

META

No final da aula o aluno entenderá os processos históricos que levaram algumas das guerras mais violentas do século XX.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Identificar os processos históricos que levaram as guerras mais sangrentas do século XX, suas consequências e implicações entre os Estados.
Saber analisar as causas de quatro guerras do século XX.

PRÉ-REQUISITOS

O requisito é a leitura realizada da aula anterior e que relaciona ao tema que desenvolveremos na presente aula: a questão das guerras.

José Eloízio da Costa

INTRODUÇÃO

Nessa aula vamos estudar as guerras mais conhecidas e mais recentes no mundo. Como falamos na aula anterior, as guerras fazem parte da história da humanidade e elas influenciaram o destino de muitos países. O palco das maiores guerras, principalmente aquelas de repercussão mundial foram protagonizadas no continente europeu.

Para isso, escolhemos quatro guerras para analisar: a guerra do Vietnã, as guerras de libertação nacional, a guerra do Golfo/Iraque e a guerra do Afeganistão. São guerras que tiveram e tem suas características e seus efeitos em nível mundial. as maiores guerras do século XX, que corresponde justamente a primeira e a segunda guerra mundial, como vimos na aula passada.

Para o aluno, o entendimento dessas guerras mostra diversas faces de um processo que marcou sempre a história, principalmente sob o império do capitalismo, principalmente a partir do século XVII. Associamos esses exemplos, justamente em decorrência do aluno estar vivendo duas dessas guerras e de duas recentes, mas um pouco mais distantes na história, mas todos eles fizeram a agenda das guerras do século XX..

Já discutimos na aula anterior o conceito de guerra e dos processos que levam a esses conflitos, e que sempre caracterizam como guerras entre nações. Quando envolve vários países, sendo estes países poderosos em termos econômicos e dotados de grande força militar, temos uma guerra mundial. Mas existem as guerras regionais, ou entre dois países ou guerras dentro dos países, que denominamos “guerra civil”. Enfim, a guerra parece que alimenta o ser humano.

Será que temos prazer sobre a guerra? Contanto que ela seja operacionalizada em lugares bem distantes de nós! Mas uma coisa é verdadeira: ainda não sentimos o horror de uma guerra. No Brasil e principalmente em nosso estado de Sergipe, nunca presenciamos essas situações. A seca pode ser suportada, o desemprego força criarmos estratégias para o desempregado sobreviver. Mas em uma guerra, todo mundo é alvo e não existe escapatória. Só se tornarmos refugiados! Que seria um estrangeiro que vive precariamente em outro país.

Mas já falamos na aula 08 que as guerras modernas têm uma característica bem singular: as mortes da população civil são bem maiores que as baixas militares. O que seria um indicador estarrecedor.

Desse modo, vamos destacar nessa aula quatro guerras, bem conhecidas pelos alunos, sendo que uma delas estamos denominando de “guerras de libertação nacional” e que foram bem comuns no continente africano, como foram da guerras de Angola, Moçambique e da Argélia.

Mas vamos começar com a guerra Vietnã

A GUERRA QUE OS AMERICANOS PERDERAM: VIETNÃ

Esse conflito épico envolveu fortes interesses ideológicos entre os EUA e a União Soviética que viviam a chamada “Guerra Fria”, ou da luta entre o bloco capitalista e o bloco socialista. Havia esse conflito que não era direto do ponto de vista da ameaça de uma guerra entre si, até porque era perigoso demais: os dois países tinham bombas nucleares.

Ora, se eles não podiam realizar constituir um teatro de guerra entre si, a saída era ajudar e exportar guerras regionais de caráter revolucionário ou não.

A guerra do Vietnã seria um desses exemplos que repercutiu nos interesses das maiores potências. Havia uma revolução em andamento no Vietnã. Na verdade, um pedaço de terra que se estendia no sentido longitudinal localizado na península malaia. Essa região era (e ainda é) chuvosa, superpopulosa e empobrecida.

Mas o interesse da China e da União Soviética era exportar o socialismo e o Vietnã, nos anos 60, na Ásia, era a bola da vez. O líder dos “vietcongs” era o comunista Ho Chi Minh receberia forte ajuda militar externa dos países comunistas, sendo fundamentais para a realização das operações militares para a tomada do poder e a implantação do socialismo. Fato que aconteceria em meados da década de 60.

A reação americana foi imediata. O país enviaria um dos maiores arsenais militares depois do final da segunda guerra mundial para a instável região do sudeste asiático com objetivo de combater o regime comunista recém instalado.

Esse conflito dividiu o Vietnã ao meio e seus números foram terríveis: do lado dos vietcongs foram mais de três milhões de mortos e do lado dos americanos, com 57 mil.

Os desastres e baixas entre a população civil empobrecida das zonas rurais estarreceram o mundo, com fotos terríveis (como o uso de gás mostarda) e a destruição de miseráveis vilas sem qualquer motivo.

Lembrar que essa guerra estendeu-se por 10 anos. Entre 1965 e 1975.

Por incrível que pareça os americanos perderam essa guerra. Para isso, podemos extrair três explicações:

1. a coragem dos vietcongs – foi marcante a atuação dos soldados vietnamitas (conhecidos como vietcongs). Mesmo enfrentando dificuldades como falta de uniformes, armamentos insuficientes e passando muitas vezes fome, esses soldados eram destemidos no combate ao poderio norte americano nas selvas tropicais do sudeste asiático.

Mesmo com fortes baixas no combate, os “guerreiros” vietnamitas estavam em sua casa, e não estavam em terreno desconhecido. O que impressionou o mundo pela coragem, mesmo em condições materiais bem inferiores.

2. a geografia do Vietnã era desconhecida pelos americanos – este seria um dos motivos mais absurdos analisados pelos especialistas. Mesmo com superioridade bélica, soldados treinados e bem alimentados; a geografia desse país foi uma armadilha para os americanos. Equipamentos pesados em uma floresta permanentemente chuvosa, fechada, lamacenta e escassa em trilhas e estradas; em nada ajudaria nas operações militares mais importantes. E a paisagem florestal servia como uma excelente camuflagem para os vietnamitas, deixando os soldados americanos cegos e desorientados nesse teatro de guerra tropical.

3. desencanto dos soldados americanos – os próprios soldados americanos não sabiam qual era o real motivo dessa guerra. Estavam longe de casa e guerrearam com um oponente que sequer aparecia em sua frente. As fortes baixas do lado americano contribuía ainda no baixo nível moral das tropas.

4. desaprovação do povo americano – as péssimas notícias vindas desse cenário de guerra através de televisão, com cenas de horror e das perdas de vida sem qualquer motivo, mobilizou a sociedade americana para o fim dessa guerra. O que surtiu efeito, inclusive contribuindo na renúncia do presidente de plantão (além da questão do Watergate): Richard Nixon (1968-1975).

A GUERRA DO PETRÓLEO E DO ENGODO DAS “ARMAS DE DESTRUIÇÃO” EM MASSA: O CONFLITO NO GOLFO E NO IRAQUE

Juntamos duas guerras em uma só, em função de um país do Oriente Médio estar envolvido, o Iraque. A primeira, chamada de guerra do Iraque, ocorreu em 1991, em função do ditador iraquiano Saddam Hussein ter invadido o Kuwait, com intuito exclusivo de anexar o território, rico em petróleo. A reação ocidental foi imediata. O Iraque vinha de uma “suposta vitória” na guerra com o Irã que durou oito anos (1980-1988) e mais de 1,5 milhão de mortos. E por ser um país militarmente bem equipado, Saddam achou que não teria nenhum problema em invadir o minúsculo Kuwait.

A operação conhecida como “tempestade no Deserto” foi a reação dos aliados contra os iraquianos. Mas as atrocidades foram monumentais, dos dois lados, principalmente do número de mortos entre as populações civis. A vitória dos aliados foi rápida, mas gerou apreensões em nível mundial, destacando a questão do preço do petróleo e dos horrorosos incêndios dos poços de petróleo, que Saddam deixou como rastro.

Já a guerra do Iraque foi mais complexa, e o sentido não seria econômico. Seria outro, fruto da insistência do então presidente norte-americano, George Bush, de que o Iraque tinha armas de destruição em massa e a invasão territorial seria fundamental. As consequências não foram nada boas.

Sob o pretexto da “guerra contra o terror”, o presidente norte-americano justificou a invasão como forma de intimidar um sistema que “apoiava o terrorismo” e tinha armas escondidas que poderiam destruir e matar milhões de pessoas.

Seu objetivo era aprisionar o líder maior – Saddam Hussein – e desmontar o exército iraquiano, considerado um dos mais “poderosos do Planeta”. Realmente isso aconteceu, Saddam foi capturado. Mas não existia nenhuma arma de destruição em massa. Pelo contrário, o que foi encontrado foi um país destruído por décadas de ditadura, empobrecido e dependente da ajuda externa, principalmente de alimentos.

A grande consequência de mais uma guerra justificada por equívocos, foi a aparição dos chamados “insurgentes”, que não aceitavam a ocupação norte-americana e de seus aliados (mais de trinta países mandaram tropas para o Iraque) e iniciaram um longo processo de ataques terroristas, através do uso de homens bombas, carros bombas, bicicletas bombas e até carroças bombas.

Agrega-se também as rivalidades entre os xiitas e os sunitas. Saddam era sunita e perseguiu sempre os xiitas, que eram minoritários no país. A sua saída aumentou ainda mais a rivalidade das duas maiores facções muçulmanas. Não podemos a forma violenta que Saddam sempre tratou com os curdos, que ocupavam áreas da região norte do país.

A questão do Iraque não foi propriamente a guerra, mas suas consequências e que perduram até hoje. Ainda é um país inseguro, pobre, e o seu governo é fraco. Mas gradativamente as tropas estrangeiras estão indo embora, mas ainda assim com certa desconfiança.

Mas o aluno pode perguntar? Seria só isso? É claro que não. As grandes reservas de petróleo estão sendo explorado por grandes empresas petrolíferas internacionais, o que demonstra o real interesse dos Estados Unidos e de seus aliados.

Mas também não podemos esquecer o lado estratégico da presença norte-americana no território iraquiano, principalmente por um outro inimigo do Oriente Médio: o Irã, país que faz fronteira com o Iraque.

O tema Iraque é inconcluso. Ainda estar aberto. Mas importante é saber como tudo isso se processou. E tentamos colocar nessas poucas linhas.



Guerra do Iraque
(Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

VAMOS A OUTRA GUERRA: A DO AFEGANISTÃO

A guerra em um país que nunca submeteu a ninguém: a guerra do Afeganistão

O Afeganistão tem uma característica bem singular: sua geografia lhe favorece contra qualquer país que queira ocupar ou tornar o país como teatro de guerra. Desde o período de Gêngis Khan tentam dominar esse território, que é uma importante saída da Ásia Central para o Oceano Índico, ou de um importante ponto estratégico entre o Oriente Médio e o Leste do continente asiático. Mas esse país em termos geopolíticos sempre foi um “osso duro de roer” para os que tentavam dominar.

Em período mais recente, a União Soviética, na década de 80 do século passado tentou ocupar o país, mas não teve sucesso. O espírito guerreiro de seu povo, como a organização mujahids, não deu trégua ao exercito vermelho e jamais foram submetidos a qualquer tipo de intimidação. As tropas soviéticas, depois de anos de ocupação, mas com fortes baixas, teve que sair, decorrente da impossibilidade de dominar territorialmente o país, e da crise do socialismo, que desembocou com o desaparecimento da União Soviética em 1991; esses dois fatores contribuíram decisivamente na perda de interesse da ocupação do Afeganistão

Assim agregamos a ocupação norte-americana a partir de 2001, depois da queda das torres gêmeas. Para o presidente Bush isso processo seria fundamental como forma de detonar de vez a guerra contra o terror, e sua maior doença: a rede terrorista Al-Qaeda. Era uma questão de honra os americanos combaterem os terroristas nas terras dos outros. E o Afeganistão era o paraíso desses seguidores de Ben Laden. A paranoia de Bush naturalmente teve apoio de parte significativa dos americanos. Mas os resultados, até agora não surtiram muito efeito.

Mais uma vez a população civil, principalmente mulheres e crianças foram as maiores vítimas, em uma verdadeira guerra cega, que muitas vezes não era guerra.

Por que?

Simples, os Estados Unidos implantaram um governo sob o pretexto de fortalecer a democracia, mas de certa forma seguindo os interesses da maior potência. Ou seja, o governo também era alvo dos terroristas, por apoiar os Estados Unidos.

Dessa forma, podemos enumerar esse conflito, que ainda não teve desfecho, por dois fatores:

- a) o primeiro tem a ver com a Geografia do país, bem favorável para quem realmente quer ter um bom esconderijo. É um país montanhoso, recheado por centenas de cavernas e áreas isoladas, onde podem ser construídos acampamentos de treinamento para terroristas.
- b) como dissemos acima, seu povo é guerreiro e jamais foi submetido a

qualquer tipo de dominação estrangeira. Daí a continuidade do conflito e pelo jeito vai continuar esse processo ainda por um bom tempo.

Agora vamos abordar as chamadas guerras de libertação nacional.



Guerra Irã-Iraque

Khomeini X Saddam: interesses econômicos por trás de um sangrento conflito no Oriente Médio. (Fonte: <http://guerras.brasilecola.com>).

O SOCIALISMO ENTRE OS POBRES: AS GUERRAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

As chamadas guerras de libertação se espalharam pelo mundo pobre a partir da década de 50 do século passado.

E o que significou as guerras de libertação nacional? Nada mais é que um grupo de guerrilheiros, imbuídos de forte ideologia de esquerda que buscavam sua independência contra a colonização europeia, principalmente no continente africano. A tendência era a formação de um Estado Nacional. Não podemos esquecer que a ideologia socialista era a dominante, em função da forte influência da União Soviética.

Todo esse processo pipocou praticamente em todo o continente africano e destacamos duas guerras para analisar: a guerra de libertação de Angola e a de Moçambique. Dois países que tinham como país colonizador, Portugal.

O primeiro fator relaciona com a crise do salazarismo em Portugal. Depois de décadas de ditadura de Salazar, a chamada Revolução dos Cravos de 1974 radicalizou a organização do Estado português, onde a democracia foi

implantada e o país não tinha a menor estrutura em administrar as Colônias.

Mas o processo mais radical operou-se nas duas colônias e o interesse dos grupos guerrilheiros era tornar independente e formar imediatamente um Estado. Até que esses processos não se prolongaram por muito tempo e os países tornaram independente em 1975 (Angola) e 1976 (Moçambique). A maior questão estaria nas divisões dos grupos que tentavam ocupar o poder e isso gerou uma sangrenta guerra civil e que passaram por décadas.

Ainda hoje os dois países são extremamente pobres, mas Angola tem se destacado nos últimos dez anos (início do século XXI) como um dos países de maior crescimento econômico. Mas jamais o passado sangrento deve ser esquecido.

Vamos a conclusão,

CONCLUSÃO

Nessa aula vimos que o tema Geografia das Guerras aparentemente não é novo. Mas dar um revestimento geográfico é de grande importância, mesmo que não tenhamos atingido integralmente o objetivo. Mas uma questão foi percebida. Enquanto as guerras mais antigas, tinha como foco a conquista de territórios e a submissão dos vencidos, as guerras modernas tenha outra característica, é a conquista do poder, e com isso mudar a feição dos países. É o que temos visto ultimamente, até porque a guerra moderna tem como principal protagonista um país bem armado militarmente ou uma grande potencia mundial, como os Estados Unidos. Outra característica e essa é mais grave, é que as guerras modernas tem matado mais civis do que militares.

Desse modo, o tema é inesgotável e terrificante, porque estamos tratando de algo que efetivamente não queremos: a morte de pessoas, principalmente de pessoas inocentes, como idosos, mulheres e crianças. E infelizmente não percebemos sinais de uma era de paz. É o lado animal do homem.



RESUMO

Destacamos nessa aula quatro guerras que chamamos de guerras modernas. A primeira, a guerra do Vietnã, foi um conflito épico envolveu que fortes interesses ideológicos entre os EUA e a União Soviética que viviam a chamada “Guerra Fria”, ou da luta entre o bloco capitalista e o bloco socialista. Havia esse conflito que não era direto do ponto de vista da ameaça de uma guerra entre si, até porque era perigoso demais: os dois países tinham bombas nucleares. Mas foi uma guerra perdida pelos Estados Unidos, em função da coragem do vietcongs, do desconhecimento da geografia do Vietnã por parte

dos americanos, da desaprovação da sociedade americana e o desencanto dos soldados americanos em relação ao conflito. A guerra do Golfo foi uma guerra mais econômica em termos estratégicos e geopolíticos e visava garantir o mercado americano do petróleo do Golfo Pérsico. As operações militares foram conhecidas como ‘tempestades no Deserto. A guerra do Afeganistão teve um sentido também geopolítico, mas sem conotação econômica. O objetivo era a “guerra contra o terror”, em especial no combate as operações terroristas protagonizadas pela rede Al-Qaeda. Essa guerra estar ainda em andamento e demonstra a forte resistência do povo afegão a qualquer tipo de intimidação externa. As guerras de libertação nacional tiveram um caráter revolucionário de superação do modo capitalista de produção, isso sob os interesses da então União Soviética, destaca-se duas guerras bem conhecidas: a de Angola e os confrontos civis de Moçambique.



Faça as duas atividades abaixo e envie as respostas para o tutor da disciplina:

1. Faça uma pesquisa pela internet sobre “Guerra Fria”. Por quanto tempo ele se estendeu e o que ela realmente caracterizou e se realmente houve vitorioso. Com a queda do muro de Berlim em 1989, os Estados Unidos selaram vitória sobre a União Soviética?
2. O aluno deverá fazer um levantamento (claro, pela internet) de quais filmes já foram produzidos pelas empresas cinematográficas americanas que se relacionam diretamente com a guerra do Vietnã.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

As atividades apresentadas foram para entender que cotidianamente observamos na mídia em relação às guerras seus desdobramentos territoriais e de um dado relevante: a presença dos Estados Unidos em todas elas. O que mostra a força imperialista desse país



PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos tratar de uma questão nacional e territorialmente instável: as áreas de fronteiras.



AUTOAVALIAÇÃO

É evidente que poderíamos ampliar o debate e a abordagem sobre as guerras, porque nunca vivemos tempos de paz. Sempre em algum lugar existem conflitos e hoje correspondem aproximadamente a quase duas dezenas de guerras ou conflitos de guerra. Mas as guerras que colocamos nessa aula demonstra as características sempre horríveis e de consequências humanas inaceitáveis. Mas infelizmente temos que aceitar esse fato. Mas a nossa pergunta nessa auto-avaliação é a seguinte: o Brasil nunca entrou nesse conflitos, seria um aspecto positivo ou negativo?

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Iná Elias de. Geografia e Política: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: editora Bertrand Brasil, 2005.
- HOBBSBAWN, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: editora Companhia das Letras. 1996.
- HOBBSBAWN, Eric. A Era dos Impérios. São Paulo: editora Companhia das Letras, 2000.
- LACOSTE, Yves. A Geografia – isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Editora Papyrus, 1989.